
Implicações da Codependência Familiar no Tratamento da Dependência Química: Uma Revisão Sistemática

Ana Paula Baldez Santos

Carla Caterine Silva Araújo

Leiliane Gonçalves de Figueiredo

Centro Universitário Aparício Carvalho – UNIFIMCA

Resumo: A codependência, de maneira geral, pode ser entendida como o pacto de silêncio formado entre alguns membros familiares (ou um membro) de forma a culpabilizar-se pela doença do outro e vivenciar a vida do ente querido acima de sua própria vida. O codependente, na maioria das vezes, não tem noção que também precisa de tratamento. No Brasil, essa discussão na academia é recente, assim como a inserção de estratégias nas políticas públicas de saúde mental, como é o caso dos CAPS. Objetivo: Este estudo objetivou identificar estudos acerca das implicações da codependência familiar no tratamento da dependência química e as intervenções realizadas para amenizar essa problemática. Método: Para atingir o objetivo proposto foi realizado uma revisão sistemática através de busca eletrônica em bases de dados como: Scielo, Lilacs e Google Acadêmico, publicados nos últimos cinco anos tendo por indicação do estudo das três palavras-chave, pesquisadas individualmente ou através de operadores booleanos (AND, OR). Resultados: O estudo reafirma a importância do apoio aos familiares dos dependentes químicos e aponta a necessidade de pesquisa não só na área de saúde, mas, também, nas ciências sociais.

Palavras-Chave: Dependência Química. Família. Codependência.

Implications of Family Codependency in the Treatment of Chemical Addiction: A Systematic Review

Abstract: Codependency, in general, can be understood as the pact of silence formed between some family members (or one member) in order to blame themselves for the illness of the other and experience the life of the loved one above their own. The codependent, most of the time, has no idea that he also needs treatment. In Brazil, this discussion in the academy is recent, as well as the insertion of strategies in public mental health policies, as is the case of CAPS. Objective: This study aimed to identify studies about the implications of family codependency in the treatment of chemical dependency and the interventions carried out to alleviate this problem. Method: To achieve the proposed objective, a systematic review was carried out through electronic search in databases such as: Scielo, Lilacs and Google Scholar, published in the last five years with the indication of the study of the three keywords, searched individually or through Boolean operators (AND, OR). Results: The study reaffirms the importance of supporting family members of drug addicts and points out the need for research not only in the area of health, but also in the social sciences.

Keywords: Chemical Dependency. Family. Codependency.

Introdução

A Organização Mundial da Saúde (2001) destaca que, a dependência química deve ser tratada simultaneamente como uma doença médica crônica e como um problema social, classificada entre os transtornos psiquiátricos, reduzindo-se os sintomas, alternando-se, muitas vezes, períodos de controle dos mesmos e de retorno da sintomatologia. O termo droga tem diversificadas interpretações, podendo ser aludido a medicamentos com características terapêuticas estabelecidas especificamente, até substâncias que são capazes de causar dependência ou objeto de abuso. Em seu contexto legal o termo “droga” reporta a substâncias psicoativas e, em particular, às drogas ilícitas ou àquelas das quais o uso é regulado por lei.

A dependência química como uma doença crônica na área de saúde mental, acompanha o indivíduo por toda a sua vida podendo ser tratada através de vários tipos de intervenções tanto ambulatorial quanto de internação. É um fenômeno social e familiar que conduz os envolvidos a comportamentos de estresse e traz gastos públicos significativos na saúde pública e assistência social. No que tange ao ambiente familiar, traduz conflitos emocionais, financeiros e muitas vezes geram violência intrafamiliar.

No Brasil estabeleceu-se a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que é destinada às pessoas em sofrimento psíquico ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas no âmbito do Sistema Único de Saúde (Brasil, 2017). O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é uma entidade governamental que possui modalidades que compõem a Atenção Psicossocial Estratégica. Nele está incluso o CAPS ad, que atende pessoas que apresentam intenso sofrimento psíquico decorrente do uso de crack, álcool e outras drogas.

É indispensável salientar que os CAPS ad são instâncias não só de cuidado aos usuários, mas também de organização e pronunciação de toda a rede de atenção aos usuários de álcool e outras drogas. Também, deve facilitar a identificação de problemas pessoais e o acesso ao suporte para tais problemas, devem buscar principalmente o fortalecimento de vínculos afetivos, o estreitamento de laços sociais e a melhora da autoestima das pessoas. Os CAPS Ad devem construir articulações consistentes com os

Hospitais Gerais de seu território, para servirem de suporte ao tratamento, quando necessário.

Em outra ponta da RAPS estão as Comunidades Terapêuticas, entidades ligadas ao terceiro setor que realizam o tratamento da dependência química, incluídas na rede de apoio através de Resolução/CONAD/nº01/2015 que regulamentada no âmbito do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD), acolhem pessoas, em caráter voluntário, com problemas associados ao uso nocivo ou dependência de substância psicoativa. No entanto, os estudos demonstram a clara atenção focada somente no dependente químico, o que dificulta o processo de reinserção social, pois os vínculos familiares geralmente são rompidos antes do início do tratamento.

A família possui um papel primordial no amadurecimento e desenvolvimento dos indivíduos, apresentando algumas funções primordiais, as quais podem ser agrupadas em três categorias que estão intimamente relacionadas: funções biológicas (sobrevivência do indivíduo), psicológicas e sociais (Osório, 1996).

Assim, a estruturação da família está intimamente vinculada com o momento histórico que atravessa a sociedade da qual ela faz parte, uma vez que os diferentes tipos de composições familiares são determinados por um conjunto significativo de variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas e históricas (Prata & Santos, 2007).

Nos últimos anos o foco do tratamento da dependência química mudou o enfoque, também, para os familiares dos usuários, uma vez que a família muitas vezes é o principal elo com esta nova fase. Arranjos diversos podem ser adotados pelos conviveres ao atravessarem uma situação crítica, famílias flexíveis mostram-se ágeis em adaptações e mudanças, porém, se mantidos os estressores, os comportamentos podem ficar crônicos, em configurações inadequadas, quando já se mostram incompatíveis com a demanda atual.

A codependência tem sido definida como um transtorno de relacionamento caracterizado pelo fato de uma pessoa ser controlada pelo comportamento de outra a qual é ligada emocionalmente (Miranda, 2018). Apesar de ser

relacionada a vários tipos de transtornos, tanto mentais, como físico, não basta identificar e tratar os sintomas mas, sim, identificar os motivos que levaram à mesma, pensando o indivíduo em sua totalidade, para que se possa oferecer outros referenciais e subsídios que gerem mudanças de comportamento em relação à questão da droga.

Neste contexto, além das comunidades terapêuticas e dos CAPS, destaca-se os grupos de mútua ajuda com vista ao tratamento da codependência familiar. Grupos terapêuticos como NARA-non, Al-Anon e Amor Exigente, compreendem que a codependência pode ser superada com ajuda mútua, compartilhamento de experiências e apoio (Moraes et al., 2009).

Segundo Zampieri (2004), há sete tipos de codependência: conjugal, inter sistemas, familiar, grupal, social, institucional e sexual. A codependência entre casais acaba virando um jogo, onde a pessoa que está sendo tratada pela dependência química acaba sendo o controlador, o codependente acaba esquecendo que é companheiro(a) e assume um papel de Mãe/Pai. A codependência inter sistemas manifesta-se por sistemas, seja micro ao macro, da família nuclear até a ampliada, da família a sociedade como um todo.

A autora discute que a codependência familiar traz muitas mudanças no meio da família, pois os codependentes acabam aceitando e suportando todo tipo de comportamento do dependente químico, e com isso, sem perceber, acaba renunciando a sua própria vida e de seus objetivos. Não diferentemente fala da codependência grupal, onde o grupo tende a manter fortes influências de pressão sobre seus membros que se mostram frágeis a mudanças, assimilando características e padrões pertinentes ao grupo de maneira a não conseguir romper, mesmo identificando as problemáticas que podem acarretar a continuação destes vínculos, da mesma forma a codependência social e institucional. Não tão diferente a codependência sexual, onde o codependente se torna refém do seu parceiro(a), mesmo sabendo que não está feliz na sua relação, que não existe mais sexo entre ambos, mesmo assim preferem viver ao lado do dependente do quer renunciar ao relacionamento.

A codependência se refere a pessoa que tem o contato direto com o objeto de sua dependência e se retroalimenta em ter controle sobre a vida do outro, manifestando comportamentos estressantes, culpa e acaba que não percebe que também está doente.

O percurso metodológico e as discussões deste trabalho foram elaboradas com o objetivo de identificar estudos acerca das implicações da codependência familiar no tratamento da dependência química e as intervenções realizadas para amenizar essa problemática.

Metodologia

A proposta do presente estudo foi realizar uma revisão sistemática sobre o tema da codependência, a partir de outros estudos feitos com a intenção de orientar outros estudos por evidências no futuro. A revisão sistemática consiste na busca de estudos através dos resumos dos trabalhos publicados, com a intenção de relacionar o maior número possível de evidências sobre determinada terapêutica, intervenção ou experiência de muitas publicações de dados indexados capazes de endossar pesquisas futuras (Sampaio & Mancini, 2007).

A opção pela revisão sistemática se configura como uma oportunidade de aprimorar o conhecimento acerca do assunto da Codependência versus Família e Grupos de Apoio uma vez que ao longo da construção do projeto de pesquisa foi percebido a escassez de literatura no assunto e, ao mesmo tempo, nas mídias sociais e durante o cotidiano do estágio curricular em Saúde Mental e Dependência Química havia discussões, e até afirmações baseadas na experiência, acerca da influência da família no tratamento do dependente químico. A partir daí elaboramos a seguinte pergunta norteadora da pesquisa: “O tratamento da dependência é complexo e carece de atendimento multifacetado, com inclusão da família. O familiar codependente pode dificultar a reinserção social do dependente químico?” Quais as intervenções realizadas para amenizar essa problemática?

Procedimentos

O levantamento foi realizado exclusivamente em bases eletrônicas, com os descritores pesquisados individualmente: Dependência química, Família e Codependência. Os descritores foram intermediados pelos termos booleanos, Codependência OR Família AND Dependência Química.

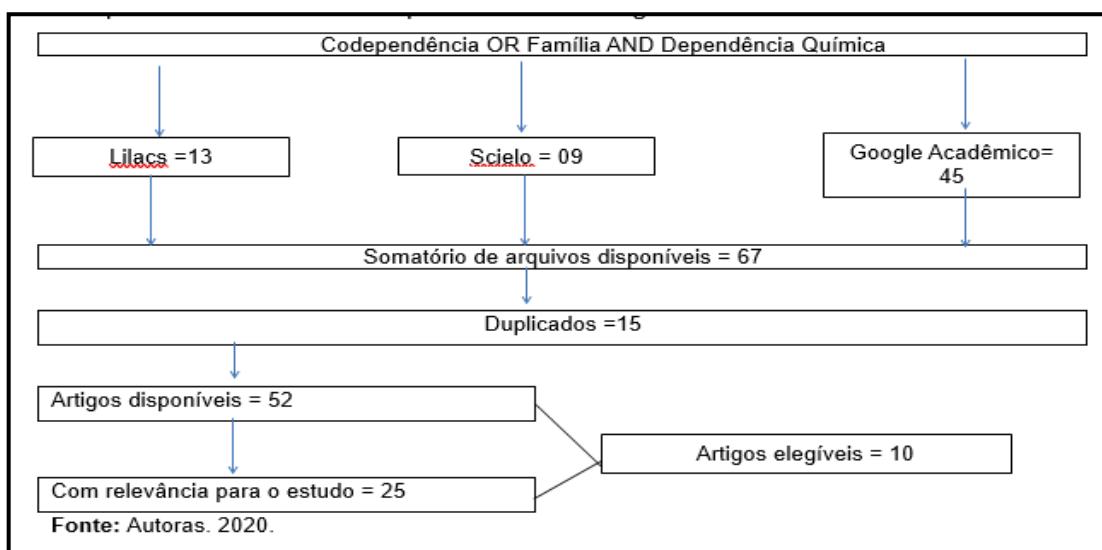
As buscas foram executadas por dois juízes com coletas independentes, realizadas no *Scientific Library Online* (Scielo), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da

Saúde (Lilacs) e Google Acadêmico, direcionado aos últimos cinco anos (2014 a 2019), no idioma português, com delineamento qualitativo de artigos empíricos independentemente do número de indivíduos e excluindo os trabalhos de conclusão de curso, levantamentos bibliográficos e os repetidos em bases de dados diferentes. A próxima etapa do estudo foi a leitura e seleção dos resumos dos artigos, para em seguida realizar a análise dos dados testando se havia correspondência com o objetivo norteador do estudo.

Por conseguinte, considerando os critérios de exclusão e inclusão, foi realizado a seleção com um total de 67 artigos encontrados, sendo 10 (dez) os artigos que atenderam o objetivo geral da pesquisa ficando assim discriminados: 01 (um) da plataforma Lilacs, 01 (um) da plataforma Scielo e 08 (oito) da plataforma Google Acadêmico.

Para uma melhor compreensão da sistemática utilizada, optou-se em elaborar um quadro demonstrativo do percurso metodológico:

Quadro 1 – Percurso Metodológico



Fonte: Autores. 2020.

Resultados

Os 10 (dez) artigos incluídos neste estudo indicam que 40% dos objetivos pretendidos indicaram a importância da família no envolvimento do tratamento do seu familiar (Pereira, 2018; Costa, 2015; Fernandes & Soares, 2018; Claus *et al.*, 2018), enquanto que 30% dos objetivos alcançados indicavam sintomas desagregadores da codependência nas relações familiares (Melo *et al.*, 2019; Maciel, 2018; Silva, 2018). Igualmente, 30% reconhece a importância de grupos de apoio ou ajuda mútua para dar suporte social e emocional nos momentos de descontrole emocional e econômico (Popia *et al.*, 2016; Bortolon, 2016; Matos, Pinto & Jorge, 2016).

A metodologia utilizada teve delineamento qualitativo, exploratório e transversal, com 90% dos dados levantados através de entrevistas semiestruturadas (Pereira, 2018; Costa, 2015;

Fernandes & Soares, 2018; Claus *et al.*, 2018; Melo *et al.*, 2019; Maciel, 2018; Silva, 2018; Popia *et al.*, 2016; Bortolon, 2016). Os autores Matos, Pinto e Jorge (2016), optaram pela realização de um Grupo Focal para obtenção dos dados. Quanto a outros instrumentos de coleta, foi usado simultaneamente com as entrevistas a Escala de Suporte Social (EPSS), Instrumento de Avaliação de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde e Inventário de Sobrecarga do Cuidador de Zarit que incrementaram com dados estatísticos e tabelas a discussão dos resultados. Somente um artigo (Popia *et al.*, 2016) incrementou o delineamento da pesquisa com técnica de observação, questionário e entrevista semiestruturada.

Os resultados e a conclusão encontrados indicam que os familiares que se envolvem e acompanham o tratamento do dependente químico através da participação em grupo de apoio ou ajuda mútua possuem mais chances de não possuírem alto nível de codependência (Matos,

Pinto & Jorge, 2016; Pereira, 2018; Maciel, 2018; Costa, 2015; Melo *et al.*, 2019), assim como aqueles que reconhecem os sintomas da codependência e buscam apoio, superando a negação dos seus sintomas (Bortolon, 2016; Silva, 2018; Popia *et al.*, 2016; Claus *et al.*, 2018; Fernandes & Soares, 2018).

Os estudos selecionados, sem ter sido indicado como critério de inclusão, avaliaram, em sua maioria, a doença codependência e sua relação com a dependência química a partir das percepções de mulheres (genitoras ou cônjuges). Outro aspecto relevante a ser citado são os locais onde ocorreram as entrevistas, 30% (n=3) dos estudos selecionados os entrevistados eram de Centro de Atenção Psicossocial ad (CAPS), 40% (n=4) de comunidades terapêuticas e 30% (n=3) participavam de grupos de autoajuda.

Caracterização dos artigos

As publicações dos artigos selecionados estão entre os anos de 2015 a 2019, sendo respectivamente um em 2015, dois em 2016, cinco em 2018 e dois em 2019. As publicações em periódicos da área de saúde, foi a grande maioria sendo destaque em primeiro lugar para a enfermagem (n=7) e em segundo a psicologia (n=2), a publicação na área das ciências humanas constou apenas um e os autores eram da administração de recursos humanos. Quanto a área territorial e regional, a predominância das publicações foi a região Sudeste (n=5), seguido da região Sul (n=3) e Nordeste (n=2).

Os resultados estão apresentados no Quadro 2 abaixo, incorporando características como nome do artigo e autores, ano de publicação, desenho metodológico, principais resultados e conclusão.

Discussão

Considerando os resultados apresentados neste estudo de revisão sistemática, é possível indicar como relevantes duas categorias norteadoras de análise do tema proposto: a codependência familiar ao dependente de substâncias psicoativas e a importância de o familiar codependente participar de grupos de apoio social.

O Manual de Diagnóstico Estatístico (DSM-IV-TR) da Associação Psiquiátrica Americana (APA), classifica o transtorno de dependência química como uso abusivo de uma substância, (dependência de substância e abuso de substância), e transtornos induzidos por

substâncias, (intoxicação, abstinência das substâncias, transtornos do sono, do humor, ansiedade por uso de substâncias, sintomas psicóticos induzidos por substâncias, dentre outros). O uso crônico destas substâncias causa dependência química, efeito da relação patológica entre o indivíduo e a substância psicoativa (DSM-IV-TR, 2014).

A dependência química demanda prejuízos significativos em todas as áreas da vida do indivíduo: desde a familiar até a social, física, emocional e profissional, “a droga é apenas um dos fatores da tríade que leva à dependência, os outros dois são o indivíduo e a sociedade na qual o indivíduo e a droga se encontram (Fonseca & Lemos, 2011, p. 25-26). Para esses indivíduos, a droga acaba exercendo um papel central em suas vidas, por meio do prazer ela preenche faltas importantes, tornando-se essencial para o funcionamento psíquico deles.

Quando a família, ou um familiar, é atingida pelos malefícios desse comportamento e não consegue se desvencilhar da problemática que ele traz (violência, prisão ou até morte) é hora de procurar ajuda, porque pode estar doente junto com o adicto, tal doença denomina-se de codependência.

Podemos enfatizar a codependência conjugal, onde o relacionamento vira um jogo, onde a pessoa que é dependente químico acaba sendo o controlador, e o codependente acaba não medindo esforço para satisfazer suas vontades, esquecendo de si mesmo, suas escolhas e projeto pessoais para o futuro. Neste sentido, relações familiares podem ocasionar diversos conflitos que resultarão em quebra de vínculos que dificultaram na constituição de uma rede de apoio ao dependente.

Nesta lógica, o trabalho terapêutico através de grupos tende a ser uma forte influência aos indivíduos, apresentando relações interdependentes, com características de identificação por meio de padrões de comportamento, afetivo e meios de vivências compartilhadas. Os Grupos terapêuticos como o Al-Anon e Amor Exigente compreendem que a codependência pode ser superada com ajuda mútua, compartilhamento de experiências e apoio.

Quadro 2 – Resultados dos artigos

Título/Autores	Ano	Objetivos	Metodologia	Resultados	Conclusão
1 - Grupo de orientação familiar como estratégia de cuidado na codependência química. Autores: Matos, M. T. S. Pinto, F. J. M., & Jorge, M. S. B.	2019	Conhecer, a partir do relato de familiares de uma comunidade terapêutica para dependentes químicos, a importância do grupo de apoio familiar no tratamento da codependência.	Por meio da técnica do Grupo Focal e após a realização de um Grupo de Orientação Familiar, as expectativas e os conhecimentos que a família detinha sobre dependência química, com relação às seguintes variáveis: sentimentos, conceitos, motivos e condutas familiares. O estudo foi realizado em um Centro de Convivência para dependentes químicos em Fortaleza - CE com 11 participantes, cujos familiares estavam em tratamento no serviço.	Os resultados demonstraram que as expectativas dos familiares foram compatíveis com os objetivos propostos neste estudo. Pôde-se observar uma melhora nos sentimentos das famílias, entendimento do conceito de dependência química como doença e aquisição de habilidades para melhor lidar com o familiar dependente.	A realização de um Grupo de Orientação Familiar com caráter informativo e educativo pode ser capaz de responder às demandas familiares em dependência química. Ficou evidenciado que a família deve ser vista e tratada no processo de recuperação do dependente químico, para que possa ser verdadeiramente protetora e não provocadora do uso, contribuindo para a melhora das relações familiares.
2 - Funcionamento familiar e questões de saúde associados com codependência em familiares de usuários de drogas. Autores: Bortolon, C. B. <i>et al.</i>	2016	Identificar os sintomas de codependência e questões de saúde em familiares codependentes de usuários de drogas que ligaram para um serviço telefônico de aconselhamento.	No total, 505 familiares participaram de um estudo transversal realizada através de uma pesquisa de campo.	Mães e esposas de usuários de drogas que tinham menos de 8 anos de estudo e que estavam desempregadas apresentaram maior chance de alta codependência. Além disso, foi identificado que o nível alto de codependência interfere significativamente no bem-estar físico e emocional dos familiares, o que resultou em problemas de saúde, reatividade, autonegligência e sobrecarga de tarefas.	Foi concluído que a codependência tem um impacto negativo no sistema familiar e na saúde dos familiares de usuários de drogas.
3 - A contribuição do grupo autoajuda na tratativa da codependência. Autores: Popia, E. <i>et al.</i>	2016	Conhecer a dinâmica que se dá para tratar a codependência através de grupos de apoio	O impacto dos grupos de autoajuda na tratativa da codependência, observando presencialmente as reuniões e através de aplicação de questionário e entrevista com os codependentes.	O grupo de apoio fortalece e apoia 71% dos entrevistados, eles afirmam que estão mais fortes para lidar com o dependente e que 29% frequentam a menos de um ano e somente os que estão em tratamento.	Constatamos que existem oportunidades de melhoria na condução destes grupos de autoajuda para que além de ser um fortalecedor dos codependentes seja um aprendizado para saírem de sua codependência.
4 - Cuidadoras de Dependentes Químicos: Um Estudo sobre a Sobrevida Familiar. Autores: Maciel, S. C. <i>et al.</i>	2018	Avaliar o nível de sobrevida do cuidador em uma amostra composta por 115 mulheres, familiares de dependentes químicos que estavam realizando tratamento.	Buscou-se verificar diferenças quanto à sobrevida e o tipo de droga, local de tratamento e variáveis sociodemográficas. Utilizou-se questionário sociodemográfico e Inventário de Sobrevida do Cuidador de Zarit, analisados com auxílio do SPSS 21.	O nível de sobrevida foi moderado a severo, não diferindo significativamente quanto ao tipo de droga (álcool ou crack), mas sim quanto ao local de tratamento dos usuários (maior para ambulatório) e ao parentesco (mães com maior sobrevida).	Espera-se que os dados encontrados possam auxiliar na assistência aos familiares que assumem o cuidado no tratamento da dependência química.

<p>5 - O papel da família no tratamento da dependência química de usuários atendidos no CAPS AD de Tubarão /SC Autor: Pereira, B. R.</p>	2018	<p>Investigar como é a participação da família no tratamento dos dependentes químicos atendidos no CAPS AD, de Tubarão/SC.</p>	<p>Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, realizada através de uma pesquisa de campo. Os sujeitos da pesquisa foram dez familiares de usuários (as), que estão em tratamento no CAPS AD. Foi aplicado, entrevista semiestruturada composto por catorze perguntas, com os seguintes aspectos: perfil familiar; relacionamento da família com o integrante familiar usuário de drogas; codependência na família e como a família percebe sua participação no tratamento do dependente químico.</p>	<p>Constatou-se, no resultado da pesquisa, que na descoberta da droga do usuário, a família passa por um processo de negação com o dependente, não aceitando e criticando, isso até começarem com o tratamento no CAPS AD, onde a família também participa das reuniões familiares na instituição.</p>	<p>Com o tratamento, começam a surgir mudanças de comportamento do usuário com os familiares, os familiares participantes apresentaram discrepância em algumas respostas relacionadas com o preconceito no meio familiar e com a utilização de álcool e outras drogas na família do usuário, relataram ter dificuldades em lidar com familiar usuário em casa, não apresentaram ter características codependente com o usuário, e relataram unâime sobre a importância que a família tem para a melhoria no tratamento da dependência química do familiar usuário.</p>
<p>6 - Codependência química: percepção de familiares de usuários de substâncias psicoativas de uma comunidade terapêutica do Sul do Brasil. Autores: Silva, M. P. et al.</p>	2018	<p>Conhecer a percepção dos familiares de dependentes químicos, de uma comunidade terapêutica, acerca da codependência química .</p>	<p>A amostra constituiu-se por oito familiares, por meio da entrevista semiestruturada e pelo uso do diário de campo, no período de maio e junho de 2017, tendo como foco a percepção da família acerca da convivência com o dependente, os fatores de risco para o desencadeamento da codependência e as características mais frequentes dos codependentes.</p>	<p>Constatou-se que os familiares foram identificados como codependentes, a partir das características apresentadas, entre elas: medo, culpa, excesso de cuidado/controle e insegurança.</p>	<p>A codependência aponta para um processo relacional amplo e complexo, que está em constante comunicação com diversos contextos, principalmente o social. Assim, faz-se necessário compreendermos as relações humanas, considerando as ciências naturais e sociais, percebendo a constante interligação entre o ambiente e as pessoas.</p>
<p>7 - Desafios de familiares envolvidos no processo de cuidar de dependentes químicos. Autora: Costa, L. F. P.</p>	2015	<p>Revelar os desafios vivenciados por familiares envolvidos no processo de cuidar de dependentes químicos, tendo em vista a importância de sua participação como coadjuvante nesse processo</p>	<p>Estudo compreensivo interpretativo de natureza qualitativa, realizado em um CAPS ad do município de Campina Grande – PB com amostra composta por dez familiares cuidadores. O material empírico foi coletado por meio de entrevistas semiestruturadas, analisadas a partir da análise de conteúdo com base na enunciação.</p>	<p>Identificou-se as estratégias de enfrentamento pautadas no diálogo e com isso a funcionalidade das famílias que contam com redes de apoio sólidas e eficazes, a partir da participação em grupos religiosos comunitários, grupos de auto ajuda e grupos de família do CAPS. Foi possível perceber também um déficit na estratégia de funcionamento em rede, o que impossibilita os familiares de receberem apoio de outros dispositivos de cuidado.</p>	<p>O estudo mostrou que cuidar de dependentes químicos provoca severas desordens na vida dos familiares, principalmente as vinculadas ao estresse constante e que diante das situações de desespero e angustia é necessária à construção de um trabalho em rede de cunho educativo e de suporte emocional para os familiares visando o reestabelecimento da dinâmica familiar.</p>

8 - A codependencia em Familiares de Adictos. Autores: Melo, C. F. et al.	2019	Investigar o impacto gerado em mulheres que possuem familiares com alcoolismo, em situação de vulnerabilidade social.	Pesquisa exploratória e descritiva, de cunho qualitativo, que, por critério de saturação, contou com 11 participantes, mulheres familiares de pessoas com dependência ao álcool, que responderam a um roteiro de entrevista semiestruturado, compreendido por análise de conteúdo.	Os discursos elencaram em sete classes temáticas: 1. Causas do consumo do álcool; 2. Consequências do beber para o alcoolista; 3. Comportamento da família diante do alcoolista; 4. Sentimentos recorrentes dos familiares; 5. Adoecimento da família com alcoolista; 6. Tipos de ajuda/tratamento para o alcoolista e a família; e 7. Expectativas futuras sobre o alcoolista.	A família adoece junto ao alcoolista, necessitando de acompanhamento.
9- As forças familiares no contexto da dependência de substâncias psicoativas. Autores: Claus, M. I. S. et al.	2018	Apreender a percepção dos familiares de dependentes de substâncias psicoativas sobre suas forças facilitadoras para lidarem de maneira positiva com as adversidades provenientes deste contexto.	Estudo qualitativo, descritivo, realizado entre Julho/2016 a Agosto/2017 no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas de uma cidade do interior paulista, através de entrevista semiestruturada para coleta de dados e analisadas pela técnica de análise de conteúdo, categoria temática. Participaram oito familiares de dependentes químicos.	Os familiares reconheceram que suas forças facilitadoras perpassaram a religiosidade/espiritualidade, os sistemas de crenças, o apoio do serviço especializado de saúde mental e as amizades, enquanto rede de apoio social. As forças também dependeram da coesão e comunicação assertiva da família.	Este estudo permitiu apreender que as famílias reconheceram que suas forças facilitadoras perpassaram os âmbitos das práticas religiosas e espirituais, o apoio desempenhado pela rede de apoio social e de atenção de saúde especializada, bem como o sistema de crenças compartilhado pela família e os processos relacionais e comunicacionais, fortalecendo a resiliência familiar.
10 - Codependentes de substâncias psicoativas: percepção de suporte social e qualidade de vida de codependentes de substâncias psicoativas. Autores: Fernandes, A. M. & Soares, A. B.	2018	Verificar as relações entre suporte social e qualidade de vida de codependentes de substâncias psicoativas.	A amostra foi composta por 80 participantes codependentes, com média de idades entre 23 e 72 anos. Foram utilizados a Escala de Suporte Social (EPSS) e o Instrumento de Avaliação de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde - OMS (WHOQOL-100).	Resultados mostram que os codependentes que participam do grupo de apoio apresentam médias significativamente maiores de suporte social, assim como de percepção de qualidade de vida, e que o suporte social prediz 28% da qualidade de vida.	O estudo traz evidências da importância do apoio social para o codependente de substâncias psicoativas e da percepção de uma melhor qualidade de vida quando percebem esse suporte social.

Fonte: Autoras. 2020.

Codependência familiar ao dependente de substâncias psicoativas

Os artigos que fazem parte desta revisão e que tratam do papel da família no processo de ressocialização do dependente químico apontam para a importância de o familiar codependente reconhecer o problema perante a drogadição do seu ente familiar, as metodologias utilizadas identificaram a simbiose doentia estabelecida entre eles. Ficou nítido a diminuição na qualidade de vida daquele membro familiar que mais se aproxima do drogadito mas, ao mesmo tempo, foi demonstrado os mecanismos que o codependente utiliza para sabotar o tratamento do adicto (Bortolon, 2016; Maciel, 2018; Silva, 2018; Costa, 2015; Fernandes & Soares, 2018; Melo *et al.*, 2019)

O nível de sobrecarga foi moderado a severo, não diferindo significativamente quanto ao tipo de droga (álcool ou crack), mas sim quanto ao local de tratamento dos usuários (maior para ambulatório) e ao parentesco (mães com maior sobrecarga). Constatou-se que os familiares foram identificados como codependentes, a partir das características apresentadas, entre elas: medo, culpa, excesso de cuidado/controle e insegurança (Resumo dos autores).

Essas relações familiares conflituosas não ocorrem de uma hora para outra, elas apresentam ao longo das vidas dessas famílias fatos negativos que vão se acumulando e comunicações interrompidas ou truncadas.

Embora cada codependente apresente uma experiência única, originada de sua convivência com as pessoas e de sua personalidade, um ponto comum aparece em todas as histórias de codependência – a influência dos outros sobre o comportamento do codependente e a maneira como o codependente tenta influenciar os outros (Carvalho & Negreiros, 2011, p.144).

Então, o tratamento não começa primeiro com o dependente químico, ele deverá iniciar também com o familiar mais próximo daquele que vai receber o cuidado. E por onde começa esse cuidado?

E por isso, a participação das famílias nos programas de atenção em saúde mental em geral foi reconhecido há relativamente pouco tempo, o posicionamento anterior era de que a família era o agente causador do problema, sendo assim, algo a

ser evitado. E um dos principais motivos para esse novo olhar se deve a mudança da legislação sobre saúde mental, e na melhoria dos serviços e no desenvolvimento de redes de apoio (Bakargi & Oliveira, 2016, p.150).

O estudo realizado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas (INPAD) em junho/2012, já apontava mais de 8 milhões de pessoas com dependência a algum tipo de substância psicoativa e já incluía os familiares como parte dessa doença, ou seja, já eram atacados diretamente pelos aspectos negativos da drogadição, podendo ser um local de risco ou proteção. A drogadição colabora para que toda a dinâmica familiar se modifique e, em muitos casos, a convivência comunitária e laboral ~~no trabalho~~ (Fernandes & Soares, 2018; Melo & Cavalcante, 2019; Silva *et al.*, 2018).

Os estudos realizados na área da psicologia e da enfermagem citam que, apesar do DSM-V não diagnosticar a codependência como doença, há vários indícios nos sintomas que demonstram que a baixa autoestima e traços de tristeza, ou até mesmo depressão, indicam que o assunto tem que ser melhor observado pelas ciências da saúde e sociais. Há uma carência de estudos que consigam indicar o quanto a qualidade de vida dos codependentes é afetada nessa dinâmica porém, as pesquisas já realizadas indicam que há uma sobrecarga e autonegligência na vida desses familiares na relação com os dependentes químicos, independente da substância consumida apesar que os estudos destacaram o álcool e o crack (Silva *et al.*, 2018; Fernandes & Soares, 2018; Bortolon, 2016; Maciel, 2018).

Outro fator importante a ser tratado é a presença feminina no cuidado ao dependente químico, sendo semelhante a outros estudos realizados na área de saúde mental, que já sinalizaram a presença de 80% de cuidadoras, variando entre genitoras e esposas. Foi presente, também, a baixa escolaridade e falta de emprego formal, com idade variando entre 49 a 54 anos, com renda de 01 salário mínimo (Maciel, 2018; Costa, 2015).

Os estudos indicaram que o apoio social pode vir de uma política pública ou da sociedade civil organizada, ou seja, dos órgãos que compõem a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) ou dos grupos de autoajuda. Não adianta a família esgotar todos os seus recursos e os esforços físicos e emocionais para tratar seu familiar, se não houver um membro corresponsável por essa internação ou participação em grupo terapêutico, passado os estágios da negação, do controle, da inversão dos papéis e da

exaustão emocional, é hora de buscar ajuda externa, de profissionais capazes de orientar na busca de aprender a ter limites e compreender que não há culpados nesse processo e acima de tudo entender que para ajudar, vai precisar se tratar também (Melo & Cavalcante, 2019; Pereira, 2018).

Importância de o familiar codependente participar de grupos de apoio social

Os estudos de Claus *et al.* (2018), Popia *et al.* (2016) e Matos *et al.* (2019), indicam que a participação em grupos contribui para fortalecer o sentimento de pertencimento, na medida que percebem que há outras pessoas que passam por essas mesmas dificuldades e recebem informações acerca das várias fases do processo de tratamento, inclusive quando colaborando para o processo de reinserção social e familiar.

Foi pertinente perceber acerca do bem estar do familiar em participar de grupo de ajuda, independe do local, isto é, grupo de cunho espiritual ou ligado aos CAPS ad. Há um momento que os autores chamam atenção a importância dos moderadores dos grupos, há os casos de equipe multiprofissional e há também aqueles que são liderados por pessoas que passaram pela mesma situação, porque as abordagens diferem entre si já que grupos vivenciados nos CAPS ad o foco estar no empoderamento do sujeito e nos grupos de auto ajuda o propósito é sistêmico, voltado as famílias (Pereira, 2018).

Os CAPS ad obedecem às estratégias da Política de Saúde Mental dirigidas a elaboração do Plano Terapêutico Singular (PTS) entre equipe e família, por conseguinte envolver a rede social do território onde residem esses indivíduos.

As características dos grupos de autoajuda obedecem ao formato do precursor desse tipo de trabalho, os grupos de Alcoólicos Anônimos (AA). Na literatura foi estabelecido que tais grupos ocorrem de forma voluntária, sem fins lucrativos, anônimos e o objetivos é o bem-estar dos membros, podendo ocorrer em entidades religiosas e/ou comunidades terapêuticas, mas, seguindo esse repertório que é amplamente divulgado pelas entidades de Alcoólicos Anônimos (AA), Narcóticos Anônimos (NA) e Amor Exigente. Esses grupos trabalham com a Terapia do Espelho, com a intenção do autoconhecimento natural e melhora da autoimagem (Popia *et al.*, 2016; Silva *et al.*, 2018).

As pesquisas conduzidas com objetivo de “conhecer a dinâmica que se dá para tratar a codependência através de grupos de apoio” reforçaram a hipótese da importância dos grupos no

tratamento da codependência e os benefícios dessa modalidade, no entanto, concluem que é necessário ter o envolvimento também do dependente químico a fim de melhorar a comunicação do sistema familiar (Matos, 2019; Popia *et al.*, 2016; Silva *et al.*, 2018).

Considerações Finais

Com esta revisão sistemática foi possível concluir que, a codependência voltada para as implicações no tratamento de pessoas com dependência química ainda é pouco abordada. Os primeiros estudos foram iniciados na década de 70 nos Estados Unidos e no Brasil quase 30 anos depois.

Durante a pesquisa nas bases de dados, utilizando as palavras-chave (codependência, família e dependência química), percebeu-se que as publicações sistematizadas das intervenções para amenizar essa problemática eram raras e nem sempre as conclusões claras, até mesmo devido à complexidade da mensuração com estes familiares, sendo elemento apontado pelos pesquisadores. Podemos destacar os grupos que tem o debate da codependência como principais estratégias utilizadas com os familiares com o intuito de amenizar a problemática da codependência: Amor Exigente, ALANON, NARANON, Grupos Terapêuticos do CAPS ad.

Há uma evidente afirmação da importância das equipes multiprofissionais em estabelecer a temática da codependência familiar como um dos fatores para o tratamento do dependente químico, pois a família pode expressar elos positivos ou negativos durante este processo. Quando relacionado aos aspectos negativos a reinserção perpassa pela fragilidade emocional durante o tratamento principalmente em comunidades terapêuticas, onde o dependente químico não convive diariamente em seu ambiente familiar. Quando o trabalho integra ambos a possibilidade é maior pois, as famílias são um grande suporte social na reinserção destes sujeitos, durante o tratamento e a vida social vindoura deste adicto. Porém, nesta tratativa, a superação da codependência pelo familiar propicia sua própria garantia de direitos enquanto cidadão, pois passa a retomada de seu cotidiano para além do familiar em tratamento.

Os achados desse estudo refletem o processo de vulnerabilidade vivenciado pelas famílias e incitam a necessidade de se dar visibilidade ao problema no sentido de promover ações de prevenção, intervenção e acompanhamento dessa população. Porém, percebe-se que alguns estudos parecem relatos de experiência ou estudo de caso, não há aprofundamento do debate teórico e as investigações restritas a área de saúde,

carecendo de um debate também na área de ciências sociais.

Temos assim, neste caráter educativo e mútuo abordado, seja em grupos nas instituições públicas como o CAPS ad ou grupos de ajuda mútua como Nara-non e Amor Exigente, a possibilidade de superação desse comportamento doentio que afeta as relações sociais. Ressaltando que é um percurso longo e contínuo, onde os integrantes da família possam ser tratados em suas singularidades e particularidades de maneira a refletir tanto no dependente quanto no codependente, através das articulações institucionais e sociais, que trabalhem de

maneira mútua as necessidades sociais, econômicas, emocionais e culturais dos cidadãos com direitos.

Ressaltamos ainda que nossa pergunta norteadora não foi respondida na sua totalidade, em virtude que em alguns artigos o embasamento não é aprofundado, voltado para uma partilha de experiências, carecendo de um debate maior e direcionado para áreas de ciências sociais. Neste sentido, consideramos necessário mais estudos dentro do Serviço Social para que possa embasar profissionais em espaços de atuação da Saúde Mental e Atenção Básica da Assistência Social.

Referências

- Bakargi, G. M. L., & Oliveira, N. H. D. (2018). “Fui para o buraco com meu filho”: relações familiares e dependência química. *Serviço Social & Realidade*, 25(1).
- Brasil. Conselho Nacional da Justiça. (2015). *Resolução nº 01/2015*. Brasília.
- Brasil. Ministério Nacional de Saúde. (2011). *Resolução nº 29/2011*. Brasília.
- Brasil. Ministério Nacional de Saúde. (2006). Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. *Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - SISNAD*; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências.
- Bortolon, C. B. *et al.* (2016). Family functioning and health issues associated with codependency in families of drug users. *Ciencia & Saude Coletiva*, 21, 101-107.
- Carvalho, L. D. S., & Negreiros, F. (2011). A co-dependência na perspectiva de quem sofre. *Boletim de psicologia*, 61(135), 139-148.
- Claus, M. I. S. *et al.* (2018). The family strengths in the context of psychoactive substance dependence. *Escola Anna Nery*, 22(4).
- Costa, L. D. F. P. (2015). *Desafios de familiares envolvidos no processo de cuidar de dependentes químicos*.
- Fernandes, A. M., & Soares, A. B. (2018). Codependentes de substâncias psicoativas: percepção de suporte social e qualidade de vida. *Contextos Clínicos*, 11(2), 206-216.
- Fonseca, V. A. S., & Lemos, T. (2011). Farmacologia na Dependência Química. In: 2011. Diehl, A., Cordeiro, D. C., & Laranjeira, R. *Dependência Química: Prevenção, tratamento e políticas públicas*. Porto Alegre: Artmed, p. 25-34.
- Garcia, P. T., & Reis, R. S. (Org.). (2018). *Redes de atenção à saúde: Rede de Atenção Psicossocial – RAPS*. São Luís: EDUFMA.
- Maciel, S. C. *et al.* (2018). Cuidadoras de dependentes químicos: um estudo sobre a sobrecarga familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34.
- Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5)*. (2014). Porto Alegre: Artmed.

Matos, M. T. S., Pinto, F. J. M., & Jorge, M. S. B. (2008). Grupo de orientação familiar em dependência química: uma avaliação sob a percepção dos familiares participantes. *Revista Baiana de Saúde Pública*, 32(1), 58-58.

Melo, C. D. F., & Cavalcante, I. S. (2019). A codependencia em familiares de adictos. *Rev. pesqui. cuid. fundam.* (Online), 304-310.

Miranda, R. (2018). *Até que a droga nos separe: um olhar sobre a codependência*. São Paulo: Libélula Publicações.

Moraes, L. M. P. et al. (2009). Expressão da codependência em familiares de dependentes químicos. *Revista mineira de enfermagem*, 13(1), 34-42.

ONU. *Relatório Mundial sobre Drogas 2011*.

Pereira, B. R. (2018). O papel da família no tratamento da dependência química de usuários atendidos no CAPS AD de Tubarão/SC. *Psicologia-Tubarão*.

Popia, E. et al. *A contribuição do grupo de autoajuda na tratativa da codependência*.

Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. D. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em estudo*, 12(2), 247-256.

Sampaio, R. F. & Mancini, M. C. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para demonstração de critérios científicos. *Rev. bras. fisioter.* São Carlos, 11(1) 83-89.

Silva, M. P. et al. (2018). Codependência química: percepção de familiares de usuários de substâncias psicoativas de uma comunidade terapêutica do Sul do Brasil. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 86(24).

Zampieri, M. A. J. (2004). *Codependência: o transtorno e a intervenção em rede*. São Paulo: Ed. Agora.

Ana Paula Baldez Santos

Me. Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – UNIR; Pós-graduação em Direitos Humanos e Segurança Pública – UNIR; Pós-graduação em Saúde no Sistema Prisional - UFMS/FIOCRUZ; Doutoranda em Psicologia - PUCRS/FCR.

E-mail: ana_baldez@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9651-0712>

Carla Caterine Silva Araújo

Graduanda de Serviço Social do Centro Universitário Aparício Carvalho – UNIFIMCA.

E-mail: carla.caterine@yahoo.com.br

 <http://orcid.org/ 0000-0002-0369-1439>

Leiliane Gonçalves de Figueiredo

Graduanda de Serviço Social do Centro Universitário Aparício Carvalho – UNIFIMCA

E-mail: figueiredo.leiliane@bol.com.br

 <http://orcid.org/ 0000-0002-1418-5507>

Recebido em: 17/12/2020

Aceito em: 20/12/2020